

# O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR



## ASSIGNATURAS

Um anno . . . . .	1\$200 réis
Seis mezes . . . . .	800 "
Para o Brazil, por anno. . . . .	2\$000 "
Para a Africa, por anno. . . . .	1\$200 "
Numero avulso. . . . .	30 "

Anunciam-se as obras das quaes se receba 1 exemplar.

## PUBLICA-SE AOS SABBADOS

EDITOR—Alfredo Pires

Officina de impressão e Administração—RUA DA TORRE

## PUBLICAÇÕES

Anuncios—cada linha . . . . .	40 réis
Repetições . . . . .	20 "
Imposto do sello. . . . .	10 "

Originães sejam ou não publicados não se restituem.  
Anuncios permanentes e communicados preço convenicionado.

## Instrucção publica

Dos graves negocios que devem occupar a attenção das camaras legislativas, do poder executivo e de todos os cidadãos que pela sua posição social podem cooperar na prosperidade do seu paiz, ha um que por importante se torna difficilissimo, pelas considerações que ao tratá-lo é necessario attender.

Esse negocio é o da instrucção geral ou nacional, escuro e arriscado, que nos povos mais cogitadores e esclarecidos da Europa se fazem ainda hoje custosas e ás vezes baldadas experiencias para bem o resolver.

O systema de organização da instrucção geral ou nacional, deve em todos os paizes livres ser tida em conta de garantia publica e individual, devendo por isso ser regulada por fórma que, servindo a prosperidade e civilização commum, nos seus beneficios abranja a todos os cidadãos.

A revolução franceza do fim do seculo XIX, tendo praticado crimes enormes, lançou as sementes dos maiores principios sociaes; foi ella que primeiro considerou a instrucção a luz da nacionalidade, que primeiro a saudou como garantia individual, como uma divida do Estado para com os seus cidadãos.

Esse sublime pensamento, ainda que incompleto e informe, era grande e generoso.

Desde então, esse pensamento, cresceu, e radicou-se na opinião dos homens illustrados, sendo reproduzidos em alguns codigos, e tem agitado a Europa, desde essa revolução, e entre nós foi consagrado na Carta e na Constituição actual.

Mas o seu enunciado nas varias reformas que se tem feito, não foi ainda no dizer de opiniões auctorizadas, modificado como devia ser.

Se os governos não querem conservar como parece, o povo

no estado de atraso em que está, deve, na reforma de instrucção primaria que está para publicar-se, pensar-se a sério e de fórma a torná-la quanto possivel proveitosa.

Augmente-se ao professorado os vencimentos como se diz, mas exija-se-lhe o cumprimento dos seus deveres que se não exigem, e que só os que comprehendem a sua missão—os menos—actualmente o fazem.

Acabe-se com o enorme numero de feriados que são mais do que os dias uteis, por que com duas horas de trabalho diario, se tanto, não podem os alumnos adquirir a instrucção que a escola primaria ministra, a não ser que a frequentem 8 a 10 annos.

Menos de duas horas de serviço diarias!

Que serviço se pôde fazer trabalhando-se diariamente 2 horas, quando muito, e tanto é o que lhe exigem?

Muito pouco, com creanças que fóra da escola nada fazem.

E se não veja-se se a alguma classe de funcionarios se exige que trabalhem diariamente apenas duas horas!

Vveja-se se alguém que não receba pela mesa do orçamento, pôde governar-se trabalhando duas horas por dia, e que trabalho produz por muito expedito e sabedor que seja.

Por isso, se não se deseja conservar no estado d'ignorancia em que está o povo das nossas aldeias, acabe-se com os constantes feriados, por todos os pretextos, pague-se ao professorado primario condignamente, mas exija-se-lhe o cumprimento dos deveres com o que actualmente se não importam os seus superiores hierarchicos.

Do contrario, com raras excepções, de pouco servem as escolas ruraes, e o professorado continuará a gritar nos jornaes de classe contra os 75 por 100 de analphabetos, de que elle é em grande parte o culpado.

## Despedida

No sabbado preterito sahi definitivamente d'esta villa para Arganil o sr. D.º Francisco Henriques Goes, delegado do procurador regio e sua ex.ª esposa, tendo uma despedida affectuosissima.

Suas ex.ªs tendo sahido d'aqui quando foi transferido para a comarca d'Arganil, passaram aqui a semana preterita afim de disporem do que aqui tinham e despedirem-se das pessoas de suas relações.

Suas ex.ªs deixam aqui immensas saudades a todos que tiveram occasião de conhecer as suas sublimes qualidades e geral sympathia, sentindo todos que não podesse aqui continuar como era tambem desejo do distincto magistrado, pois bem sabia como era apreciado por toda a comarca o seu character diamantino e admirado o seu bello talento e saber.

O sr. D.º Henriques Goes, como homem e como magistrado faz honra á nossa magistratura e n'ella ha de ter nome n'um futuro muito proximo.

Por isso, com justo motivo os figueiroenses sentem immenso a sua sahida e é motivo para felicitar-mos a comarca d'Arganil.

Reune o magistrado que deixou de pertencer a esta comarca, um conjunto de qualidades e virtudes, como poucos, o que o tornavam crêdor da estima de todos, e sua ex.ª reconhecendo quanto era estimado, sentiu bastante o sahir d'aqui.

Sua ex.ª esposa, sr.ª D.ª Alexandra d'Almeida Santos e Vasconcellos Goes, dotada de uma esmerada educação, possuindo elevadas qualidades só proprias das almas candidas, deixa igualmente pena a todos, incluindo a pobreza, a quem muito desveladamente protegia.

Pessoas assim, caracteres do alto quilate de suas ex.ªs, deixam realmente impressão na sua sahida, e assim todos fazemos votos porque um dia muito proximo aqui volte como juiz, o que seria motivo de grande regosijo para todos que hoje lamentam a sahida de suas ex.ªs.

São estas as impressões que sentimos, como muitos, a respeito de suas ex.ªs e que nos relevem expol-as sinceramente, se com isso ferimos a sua muita modestia.

## Festa da Guia

Foi este anno enormemente concorrida a festividade de Nossa Senhora da Guia na pittoresca villa do Avellar.

D'estes sitios, dos concelhos de Pedrogam Grande, Certã, e ainda

outros do districto de Castello Branco, affluir ali grande numero deromeiros, vendo-se aqui passar durante os dias 1, 2 e 3 grandes ranchos e muitos carros carregados de gente.

Devido ás acertadas providencias que a auctoridade administrativa do concelho, D.º Falcão, natural do Avellar, foi sem duvida o anno em que houve maior socego, e sem que a ordem fosse alterada, apesar de ser a policia feita por uma pequena força de infantaria.

Uma das boas medidas tomadas, foi o não se permittir que certos individuos entrassem no arraial munidos dos competentes cacetes, sendo-lhes tirados ás entradas da povoação, por guardas que ali estavam para esse fim.

O orador foi o sr. D.º Eduardo Pereira da Silva Correia, de Castanheira de Pera, o melhor d'estes sitios.

No arraial tocaram duas philarmônicas, a de Penella, que ali tem vindo todos os annos, e a de Ancião, tocando aquella no coreto fixo, no meio do espaçoso largo e esta no palanque proximo do Hospital.

Effectivamente aquella arraial mal pôde prescindir de duas philarmônicas, pela sua grande extensão e aglomeração de povo.

O desempenho das duas bandas foi muito regular e ambas foram muito applaudidas.

O quarteto da philarmônica de Ancião (requinta, cornetim, bombardino e saxfone) vieram de pombal os tres primeiros e de Thomar o ultimo.

A missa, a grande instrumental, foi executada pelo pessoal da banda de Penella, com musicos vindos de Coimbra.

## Suicidio

Suicidou-se no dia 4 na quinta do Geraz, proximo de Vianna do Castello, dando um tiro de revolver na cabeça, o conselheiro Frederico d'Abreu Gouveia, que durante a sua vida exerceu varios e altos cargos publicos e ultimamente o de director geral dos Negocios Ecclesiasticos e da Justiça; antigo director geral de Instrucção Publica e antigo deputado regenerador em varias legislaturas.

O tragico desfecho com que pôz termo á sua existencia, foi devido ao soffrimento de uma grave neurasthenia que lhe perturbava o socego e produzia mau humor, soffrendo horrivelmente.

A morte de tão illustre homem publico, é pranteada em todo o paiz, onde contava inumeros e dedicados amigos,

## HOMENAGEM

## MANUEL D'ARRIAGA

Da sua viagem pelo estrangeiro, regressou a Lisboa no dia 4 do corrente, esse grande homem, uma das mais altas figuras da Democracia Portuguesa e que seria o maior estadista se pozesse o seu talento e serviços a favor da monarchia.

O nosso presado collega *O Mundo*, festejando o seu regresso ao paiz, publicou no dia 5 um numero especial, em que collaboram alguns dos mais illustres republicanos, que são: Affonso Costa, Antonio José d'Almeida, Bernardino Machado, Guerra Junqueiro, João de Menezes, José Caldas, Luiz Derouet e Teixeira de Carvalho.

O caudice foi esperado na barra por muitos amigos e correigionarios que lhe fizeram uma importante manifestação.

*O Mundo* d'esse numero especial insere o seu retrato e varios artigos em que resalta a sua alta personalidade.

Em seguida publicamos o artigo do sr. D.º Bernardino Machado.

«A vida de Manuel d'Arriaga é sobretudo um apostolado. Essa, a santa missão a que elle se devotou na sociedade portugueza.

A sua larga e fecunda acção moral ultrapassa os limites do seu partido, porque tudo nelle, a fisionomia, a palavra, as maneiras, tudo desperta simpatia. Vendo-o e ouvindo-o, não ha quem se não sinta atrahido para elle e para a nobre causa que elle tão dignamente personifica, pelo irresistivel magnetismo religioso que se difunde de todo o seu ser. Inabalavel nas suas generosas aspirações, tem a transigencia austera dum forte e dum delicado; mas, ainda quando com mais ardor denuncia e ataca os erros e os desvios dos seus adversarios, o seu braço estende-se-lhes fraternalmente. Não combate por insociabilidade, por odio ou irreverencia a ninguém. Ama a liberdade, porque ama os seus concidadãos; revindica a Republica, porque revindica para a sua querida patria o direito e a honra de se associar livremente, intimamente; e, se o seu civismo não receia sacrificios, a sua tolerancia resiste ás mais acerbas provocações. Simbolo da bondade e da fé, a sua radiosa figura

sorri docemente a todas as almas como uma rosea esperanza d'emancipação e de revisvicencia nacional.

Para o seu partido, elle é mais do que um caudillo prestigioso. É um chefe devéras querido e venerado. Elevou-se aos mais altos respeito dos seus correigionarios, incontestavelmente, sem nunca acender ou provocar sequer entre elles a minima dissensão. A sua influencia e preponderancia não se fizeram e cresceram á custa de nenhuma outra. É uma grande força dirigente, porque é um centro cordialissimo de cohesão.

Espirito independente, mas familiar, sem sombra d'auctoritarismo, d'impertinencia ou d'animosidade pessoal, conciliador e paciente, lealissimo, dum trato primoroso, elle tem exemplificado edificadamente em todas as fases da sua carreira publica as mais acrisoladas virtudes democraticas. Republicano modelar, ninguém melhor que Manuel d'Arriaga, educando liberalmente o seu partido, opondo sempre dentro delle á dictadura dos individuos e dos bandos o governo dos principios, da lei, o prepara para, um dia que tudo annuncia cada vez mais proximo, elle cumprir fielmente o seu destino, que é o imprescriptivel destino historico da nação. Por isso o estreitamos hoje festivamente ao nosso seio, saudando nelle, com toda a efusão, uma das mais puras encarnações do nosso glorioso ideal.»

Sahiram no dia 6 do corrente para Lisboa, tendo aqui passado o mez d'agosto, o nosso amigo e assignante, sr. Joaquim da Silva Pimenta, conceituado commerciante, com suas ex.<sup>mas</sup> esposa e interessantes filhas.

Que suas ex.<sup>as</sup> regressem de perfeita saude á sua habitação, é o que muito estimamos.

Realizou-se hontem na sua capella do logar dos Moninhos, da fregueza d'Aguda, a festividade á Senhora da Piedade.

Foi ali tocar a philharmonica Figueiroense.

Esteve n'esta villa o sr. D. José Correia, neto dos illustres condes de Castromarim, representante da Companhia de seguros de vidas, em Lisboa.

Em Sernache do Bonjardim, Cer-

Emquanto fallava, Adelia Auber collocava ao pé do fogareiro a lenha que tinha trazido.

Era uma criaturinha loira e franzina, com uns grandes olhos côr do céu e um sorriso de criança.

—Julgas-me pateta, minha querida Adelia!—disse madame Bruno.—O que tu queres é vir ajudar a tua velha visinha e evitar que morra de frio.

—Venho incommoda-a?—perguntou a joven com fingida impaciencia.

—Não, tu bem sabes que és a minha alegria... Quantas vezes pergunto a mim mesma como pude viver, quando te não conhecia!

—É eu? Acha que não fui muito feliz em a encontrar na minha vida?

—Ora! Que bem te posso eu fazer, fraca e pobrissima como sou?

—Consente que eu a estime e adore-me. É pouco talvez? Depois da morte da minha pobre mãe, quando fui obrigada a deixar a nossa casa e vir para aqui, senti-me perdida necta solidão! Quando a vi doente, triste, de luto como a minha pobre mãe, pareceu-me que em si a via reviver... Foi uma alegria para mim ser-lhe util nalguma coisa... E depois—accescentou alegremente Adelia—como visinhas devemos-nos ajudar mutuamente.

tã e Castanheira de Pera, realizou alguns seguros, apesar de estarem fórra algumas familias, que poderiam segurar-se.

Estão em Figueira da Foz: D.º Accacio Sande Marinha e esposa; Francisco Cesar Gonçalves e esposa; Elycio Nunes de Carvalho Noronha, esposa e ulhas.

Tambem para ali sahiu no dia 4 o sr. João Pedro Godinho e Cunha, e sua familia.

Sahiu para Santa Comba dão, onde foi passar o mez de setembro com sua illustre familia, o nosso amigo sr. Antonio Augusto de Brito, digno contador e distribuidor d'este juizo.

Regressou ha dias de Unhaes da Serra, onde esteve a uso das thermas, a Castanheira de Pera, a esposa do nosso amigo sr. Jacintho Alves Callado.

## Expulsão dos jesuitas

A Associação do Registo Civil, em Lisboa, commemorando no domingo, com uma sessão solemne, o 10.º anniversario da sua fundação, commemorou conjuntamente o 146.º anniversario do decreto pelo qual o grande marquez de Pombal expulsou do territorio portuguez a chamada *Companhia de Jesus*.

A esta sessão, que foi concorridissima, assistiram muitas damas e fallaram varios jornalistas, como o seu presidente, Fernão Botto Machado e outros.

## Sr. Redactor do Figueiroense

No *Seculo* de 4 do corrente, na noticia epigraphada=Figueiró dos Vinhos—diz-se que fomos a casa do Sr. Vasconcellos, cumprimentar o Sr. D.º José Jardim.

Não sabemos se a noticia tem por fim associar nos ás manifestações politicas feitas áquelle Sr., se resulta d'algun equivoço.

Seja como fór, a verdade é que

—Querida joia! O céu te recompensará.

—Não sabe—retorquiu a joven quando se installou ao pé da sua amiga—vi o Bernardo esta manhã.

—E então?... nada de novo?

—Nada, madame Bruno, é triste!

A mamã morreu tranquilla quanto ao meu futuro, porque estavamos noivos, e ella gostava do Bernardo como se fosse filho; mas, sabe Deus quando esse futuro chegará! Não podemos casar sem dinheiro. Elle ganha um bom salario como marceneiro; mas se adoecer ou me falta o trabalho? Era uma loucura casar assim... É preciso esperar que o patrão realice a promessa que lhe fez e lhe dê interesse nos negocios da casa. Mas para isso é preciso um pequeno capital, bem pouco, na verdade. O Bernardo tem sempre esperanza de o arranjar, mas o tempo passa...

Adelia suspirou e as lagrimas enevoaram-lhe os seus lindos olhos.

—Não desanimes—disse a viuva.—Ha criaturas bem mais dignas de lastima do que tu... Se soubesses!... Nunca te contei a minha vida?

—Não... gostava muito de saber os seus desgostos, não por curiosidade, mas pela affeição que lhe tenho.

não fomos a casa do Sr. Vasconcellos, nem a parte alguma, cumprimentar o Sr. D.º Jardim.

Mandámos áquelle Sr. um bilhete de cumprimentos, com a declaração de que eram pessoas, pois nos julgavamos a isso obrigados, uma vez que lhe eramos devedores de attentões eguaes, e não nos dispensava de lh'as retribuir, a nossa educação.

Agradeço-lhe que em homenagem á verdade, se digne publicar esta.

De V. etc.

Em 6-9 905.

Augusto d'A. Lacerda.

Estiveram n'esta villa, onde vieram visitar sua familia, nas Bairradas, os srs. Alberto e Arthur Paiva, commerciantes em Lisboa.

Acha-se bastante doente, a sr.ª Felizarda, do logar das Bairradas, mãe extremosa do nosso amigo snr. Antonio da Silva Netto.

Regressaram da Figueira da Foz, onde passaram algumas semanas, a sr.ª D. Albertina Quaresma e suas gentis filhas.

Chegaram na sexta feira preterita a esta villa, onde passam o presente mez, a ex.<sup>ma</sup> sr.ª D. Maria José de Menezes, superiora do mosteiro de Santos-o-Novo, e sua dama de companhia, D. Joaquina Henriques.

Em goso de licença, sahiu para Condeixa, sua naturalidade, o digno escrivão-notario d'esta comarca, sr. Joaquim Antunes Ayres Buraca, com sua ex.<sup>ma</sup> esposa e filho.

Acham-se em Villas de Pedro, com demora de alguns dias, os nossos assignantes de Albufeira e Egreghina, srs. Alipio Adriano, e Manuel Simões Cerca.

## Desfolha da vinha

Sobre a desfolha da vinha, operação necessaria e a que os viculto-

—Creio bem, minha filha. Ah! a minha vida não é alegre! Tive tambem, como tu, a alegria de uns esponsaes felizes. Nada se oppunha á nossa união. O meu noivo era pintor decorador; ganhava bem e tinha herdado seis mil francos que lhe deixára um tio, uma pequena fortuna para um operario laborioso. Eu tambem era orphã e amava o meu João, como tu amas o Bernardo. Poucos dias antes do nosso casamento appareceu-me o meu noivo muito pallido, mas resolutivo. Acabava de se declarar a guerra com a Alemanha. Elle partia. Propoz-me que se adiasse o nosso casamento até que voltasse, mas recusei. No dia seguinte áquelle em que me tornei sua esposa, João deixou-me. Nunca mais o vi!...

—Oh! Pobre madame Bruno, que horrivel desgraça!

—Foi uma desgraça atroz—proseguiu a viuva—aggravada ainda pelas tristes circumstancias que a acompanharam. João tinha discutido comigo bastantes vezes qual a melhor maneira de empregar a sua herança. Inquietava-me que elle tivesse em casa tão grande quantia; nestas casas pequenas, mal fechadas, entra-se com tanta facilidade!

(Conclue).

## FOLHETIM

## O PENHOR

Tradução de SEVERINA CARRARA

Sentada ao pé de uma janella estreita, tremendo de frio, mal agasalhada com um miseravel vastido de luto, madame Bruno cosia.

Diante d'ella, sobre uma cadeira, empilhavam-se as peças de roupa barata em que a infeliz viuva trabalhava desde manhã á noite, para receber um magro salario.

Um triste sol de inverno penetrava na mansarda, fazendo realçar a pobreza que a guarnecia.

Uma cama estreita, duas cadeiras, uma mesa de pinho, e, á mingoa de fogão, um pequeno fogareiro apagado e frio.

Bateram á porta. Um sorriso illuminou o rosto pallido da costureira.

—Entra... És tu, Adeliashinha?

—Sou eu, madame Bruno. Se dá licença, venho bordar para o pé de si... Aborreço-me só. Como não gosto do frio trago a minha lenha. Se havia de a queimar na minha casa, queimava a na sua, que é a mesma coisa.

res d'algumas regiões estão já procedendo, foi publicado na «Gazeta dos Lavradores» o artigo que segue:

«A esparra da vinha—operação que consiste em supprimir algumas folhas das vides, tem por fim favorecer a maturação das uvas.

Esta operação torna-se sobretudo necessária em certas regiões onde se não fosse feita, as vindimas teriam de estender-se até fins do outono, entrando ainda pelo inverno; isto no caso mais favorável de chegarem a amadurecer as uvas, facto que traria muitos e grandes inconvenientes.

Para fazer-se conscientemente e com methodo a esparra, importa ter uns certos conhecimentos prévios do papel que desempenham as folhas.

Satisfazem estas a quatro funções principaes—respiração—absorção—assimilação—transpiração.

As folhas estão para as plantas como as guelras para os peixes e os pulmões para os outros animais: respiram.

Assim, absorvem oxygenio e rejeitam acido carbonico.

A respiração está na razão inversa da idade das plantas; quanto mais idosas estas, menos activa é aquella.

A temperatura moderada é um tempo claro acceleram também aquella função das folhas.

Durante a noite a absorção do oxygenio faz-se em menor escala; é que os materiaes de oxidação não se formam senão sob a influencia da luz, diminuindo na obscuridade.

As folhas também absorvem o acido carbonico e amoniaco.

Estes gazes são então decompostos, apropriando-se as folhas do carbonio do primeiro e do azote do segundo: é o que constitue a função de assimilação.

Devemos notar, porém, que aquella decomposição só tem lugar em presença e sob a influencia da luz solar, sendo tanto mais activa quanto esta é mais intensa.

A quantidade de oxygenio expulso pelas folhas durante o dia, pela fixação do carbone da acto da assimilação, excede tanto o acido carbonico da respiração, que quasi não se nota este ultimo producto.

De noite, porque não se dá o phenomeno da assimilação, continuando a respiração, succede que é muito apreciavel a quantidade de acido carbonico, produzido pela respiração.

O facto de não se ter separado os phenomenos da respiração dos de assimilação, fez por muito tempo suppôr haver nas plantas duas respirações: uma—diurna, outra nocturna.—dando-se pela primeira a absorção do acido carbonico do ar e rejeição do oxygenio, e pela segunda, absorção de oxygenio e rejeição de acido carbonico.

Do facto de as plantas absorverem de noite o oxygenio do ar e rejeitarem acido carbonico, deduz-se a razão porque não convém, sob pena do envenenamento por asphyxia, conservar de noite nos quartos de cama muitas plantas reunidas.

A outra função das folhas é a transpiração, em virtude da qual a seiva ascendente, muito aquosa, perde uma parte de sua agua, sob a influencia do calor solar, tornando-se mais concentrada, mais propria para descer e nutrir a planta.

A agua evaporada é lançada na atmosphera em fórma de vapor.

D'estas idéas podia deduzir-se á primeira vista ser prejudicial o esparrar as vides, indo com esta operação annullar as funções das folhas.

Era o que succederia, caso a operação fosse feita em tempo inopportuno, isto é, cedo de mais, antes de as uvas terem attingido todo o seu desenvolvimento á custa dos principios fornecidos pelas folhas.

Logo, porém, que as uvas estão prestes a amadurecer, as folhas não só se tornam inúteis como prejudiciaes: continuam a fornecer aquelles succos de que já não necessitam e interpõem-se entre a acção solar, á maturação.

A esparra, pois, fazendo cessar a vegetação e facultando o excesso da luz solar, influe vantajosamente sobre a maturação, accelerando-a.

O que é mister, repetimos, é que esta operação não seja feita muito cedo, enquanto os cachos se estão fazendo, o que interromperia o seu crescimento.

A esparra só é conveniente e util em algumas localidades, torna-se uma operação absolutamente indispensavel nas regiões do norte, onde a maturação é mais tardia.

Usa-se muito no nosso paiz, no paiz vizinho e bem assim em todas as regiões da Europa, até mesmo no extremo meio dia.»

SOCCIO LITTERARIA

SERENATAS

I

RECORDAÇÃO

á Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Palmira de Oliveira

Ouvi dizer que a sua alma  
davi carinhos bemsditos,  
tinha a tristura do écho  
acordando os infinitos.

Não sei onde viva outra alma  
que mais se assemelhe á minha:  
tenha olhos p'ra chorar  
e carieias de andorinha.

E dizem, ou sacrilegio!  
que a não cuida a formusura!  
Uma alma prenhe de encantos  
cheinha de desventura!

Quem me dera *padecer*  
os seus carinhos bemsditos,  
ser o pranto dos seus olhos  
a sonhar p'los infinitos!

Algés—3—IX—905.

II

AO LUAR

ao meu particular amigo Candido Filgueiras

Eu sou o rei dos bohemios,  
tenho amores co'as estrellas;  
entretenho a minha vida,  
sonhando por Lá com ellas.

Mulheres, ó anjos da Terra,  
de olhos lindos, sonhadores,  
aprendei com as estrellas  
toda uma historia de amores.

De risos, olhares e beijos  
eu tenho sempre vivido,  
mas dos beijos das estrellas  
vem á luz ideaes mentidos.

São castellinhos de fumo,  
doídos anceios de poeta,  
toda uma historia de amores,  
paixões da *Alcora* secreta.

Lisboa—5—IX—905.

Eduardo de Freitas.

(Obs.: A musica da primeira canção é do auctor da letra; e a da segunda de Antonio Thomaz de Lima).

N'aldeia

(Ao Ex.<sup>mo</sup> Dr. Alfredo da Cunha)

Linda madrugada era aquella.  
Eu levantára-me cedo.  
A orvalhada cobria ainda todas  
as follas, que á primeira luz do dia  
scintillam encantadoramente.

A passarada cortava rapida, voando  
para o céu.

Flechando o espaço de notas agudas,  
como gritos de clarins, cantavam  
os gallos, batendo estrepitosamente  
as azas, correndo pelos verdes.

A luz estilla vagarosa do sol que  
se ergue.

Levanta-se na encosta a aldeiasita  
branca.

Fumega pela camieira coberta de  
telha musgosa uma casinha risonha,  
rodeada d'hera.

Descem pela estrada as manadas,  
sacudindo o dorso.

Sobem perosamente uma ladeira,  
correm pelos vergeis, debandam contentes  
pela relva fresca, cheia de  
lagrimas d'orvalho.

Respira-se um ar que nos unge o  
peito.

Vê-se o rio colleando caprichosamente,  
ora em largas curvas, ora em  
linha recta; desce lento, monologando  
surdamente; desdobra-se ligeiro,  
sonoroso por entre os troncos dos  
salgueiros.

Estende a gente o olhar e vão-se  
alongando, succedendo-se, os valles  
revestidos de tons, nevoados, brilhantes,  
escuras, esbranquiçados, até  
morrerem no horizonte, fechados  
pela cordilheira dos montes azulados,  
cheios de sol, cheios de sombras.

Eu segni por uma vereda da floresta;  
e o sacudir d'um galho d'arvore  
era o cahir d'uma folha que  
espalhava no sólo um sem numero de  
lagrimas irrisadas.

D'ahi a pouco era pleno dia.

Senti-me viver entre as barreiras,  
entre os fluxuosos arbustos, curvando-se,  
entre os troncos já velhos,  
carcomidos, entre a humidade dos  
valles profundos, cavados em grutas  
e desfiladeiros. Era delicioso viver  
entre aldeões.

Quando a natureza toma nns  
matizes de tristeza, no declinar do sol,  
a nossa alma vive.

Ouvi a toada dos sinos d'aldeia,  
acordando-a.

Não sei que encanto mysterioso o  
d'uma aldeia que me levava a cantar  
a carieira das aragens, a frescura,  
a poesia rustica e febril do rapido  
marulhar da levada. Sentia-me  
alma para cantar uma planta, duas  
casitas brancas entre dois montes  
escalvados.

Senti ali a minha patria, amando  
a canção do pastor ao voltar do monte  
com as ovelhas, adorando as vacas  
na busca da relva dos campos e  
da frescura dos lameiros.

Da minha casita branca lançava  
as vistas para os cumes dos montes  
distantes a perderem-se ao tundo.  
Estendia-se o campo e para além  
pastavam as manadas.

Caminhava ouvindo um pipilar  
d'uma ave fugindo ao ruido dos meus  
passos.

Saltei um vallado, mirrei-me para  
passar um cannival cerrado, atravessi  
uma floresta de canniços de milho,  
pobres canoilos triturados pelo gado,  
atravessi um restolho, d'onde voaram,  
aqui e ali, as rôlas, aos pares.

Sentei-me n'um tronco. A aldeia  
perdia-se quasi de vista já!  
Tinha andado muito.

Ouvi berrar um toiro, distante.  
Um tiro arrancando a vida á rôla  
descuidosa que teria poisado n'um  
freixo, o salutar mysterioso dos par-  
daes rabiscando as sementés e os  
insectos.

Continuei a andar. Ir-me-ia deitar  
á sombra.

Na volta d'uma canniçada estre-  
meci...

Diante de mim, a dois passos, negro,  
herculeo, espadau-lo, olhando-me  
raivoso, vi um toiro!

Quiz fugir. O solo fixou-me ali.

Quiz gritar. A voz afogou-se-me.

Senti-me impellido pelos ares, visionei  
o final da vida na ferocidade do animal  
e fui cahir num montão de giestas.

O bicho foi até mim, cheirou-me:  
senti-lhe o hato quente e forte sobre  
as faces e foi-se a passo lento olhando  
para traz.

Logo que pude, ergui-me. Palpei-me  
cuidadosamente, cheio de medo...  
Tinha o fato em esfarripas mas estava  
escorreito.

Por entre as arvores, transpondo  
os vallados, saltando como um aerobata,  
cheguei a casa.

Mandei fechar a mala e parti.

Rasguei toda a poesia em honra  
d'aquella aldeia quasi fatal e hoje  
rememoro a rijeza da cabeça do quadrupede  
e o ar tónico, d'uma alacridade boa,  
carregado de todas as exhalacões  
vegetaes... e abomino-a...

Oh! uma aldeia!... detesto-a!

Raul de Castro.

ANNUNCIOS

Editos de 30 dias

(1.<sup>a</sup> PUBLICAÇÃO)

Pelo Juizo de Direito da Comarca de Figueiró dos Vinhos e cartorio do escrivão Jardim, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação, citando José Philippe Thomaz e sua mulher, residentes em parte incerta na Republica do Brazil, para assistirem a todos os termos do inventario a que se procede por obito de sua mãe e sogra Maria Rosa da Conceição, moradora que foi nas Anchas, freguezia de Castanheira de Pera, e que corre por appenso ao inventario orphanologico a que se proceden por morte de seu pae e sogro Philippe Thomaz, que foi do mesmo logar das Anchas, sob pena de revelha.

Figueiró dos Vinhos, 4 de setembro de 1905.

O escrivão do 1.<sup>o</sup> officio,

Joaquim F. de Campos Jardim.

Verifiquei:

O Juiz 2.<sup>o</sup> substituto,

Manuel de Vasconcellos.

MANUEL DIAS COELHO

Participa aos seus amigos e freguezes que abriu a sua adega a S. Sebastião, n'esta villa, para venda do vinho de sua produccão, para de baixo de ramo.

# HOTEL VIZIENSE

PROPRIETARIO

ANTONIO DO CARMO CAIADO

Rua dos Bacalhoeiros

139, 1.º e 2.º

LISBOA

Este hotel, um dos melhor situados, já bem conhecido do publico, recommenda-se sobremaneira, pelos modicos preços, que são 800 reis por dia, bom tratamento e esmerado asseio com que trata os seus hospedes.

Tambem recebe hospedes só para pernoitar, por 200 reis.

Pede pois ás pessoas que desejem honral-o procurando o seu hotel, a fineza de avisal-o da sua chegada a Lisboa.

No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira, d'esta villa, prestam-se quaesquer informações.

## RELOJOARIA CONFIANÇA

Esta casa vende por preços barattissimos:

Relogios de sala, americanos, e de repuição, affiançados por dois annos.

Despertadores, desde 800 reis.

Relogios de bolso, em prata e aço, affiançados por um e dois annos.

Relogios de prata usados, desde 1\$500 reis.

Correntes e cordões, de prata e ouro, e mais objectos de prata e ouro. Recebe ouro velho em troca.

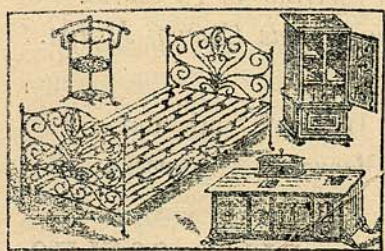
Machinas de costura, novas e usadas, de differentes marcas e affiançadas, tambem vende a pagamentos convencionaes.

NA LOJA  
DOS

QUATRO GLOBOS



FIGUEIRÓ DOS VINHOS



N'ESTE ESTABELECIMENTO encontram-se á venda **camas de ferro a 2\$000**, ditas do mesmo metal (em differentes feitios), ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colchoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de madeira.—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lenços de sêda e de lã.—Relogios de meza (affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a bôa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendês.

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em acto continuo.

Ha todas as peças para machinas de costura, agulhas e oleo de 1.ª qualidade.

Executam-se concertos muito baratos em relgios, machinas de costura e em objectos de ouro e prata, ficando perfeitos.

**David—Relojoeiro**

Figueiró dos Vinhos.

## Seguros contra fogo

A Companhia de Seguros **Tagus**, effectna seguros em boas condições sobre predios, fabricas, estabelecimentos e mobílias.

Para tratar

**José Manceel Godinho**

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Officina de Canteiro

DE

**BERNARDINO DE FREITAS**

CORREIO DOS CABAÇOS

—CORTIÇA—

Fornece cantarias com ornatos ou sem elles, á vontade e gosto do freguez.

Tambem se encarrega da construcção de jazigos, por planta á vista, fornecida por elle ou pelo freguez.

Preços convencionados, mas sem competencia.

**Manuel dos Santos**

CEICEIRA — ALVAIAZERE

Participa a todos os seus estimaveis amigos e freguezes, que estando munido com pedra de primeira qualidade, se obriga a fornecer por rezumidos preços, toda a qualidade

de obra em cantaria no gosto que o freguez desejar.

Tambem se encarrega de construcções ou edificações de quaesquer obras com planta ou sem ella.

MAXIMO CORKI

## NA PRISÃO

Ultimo trabalho litterario do extraordinario escriptor russo. O mais empolgante que a sua penna tem produzido até hoje. O romance dos presos politicos da Russia, analyse dos costumes barbaros da escravidão moderna. Um volume de perto de 200 paginas, com uma capa a côres, illustrada com um dos melhores retratos do auctor.

PREÇO 200 RÉIS

«A EDITORA»

Largo do Conde Barão, 50

Á venda em todas as livrarias e em casa de todos os correspondentes d'«A Editora».

Franco de porte a quem enviar a sua importancia em vale do correio ou em estampilhas por carta registada dirigindo correspondencia directamente á sede da Editora.

## ARITMETICA PRATICA

por

ABELINO LOPES CARREIRA

A mais pratica, mais completa e que é adoptada em diversas escolas officiaes secundarias, como na «Rodrigues Sampaio» e Casa Pia, de Lisboa; na Escola de Telegraphia do Porto, e outras.

Encontra-se á venda em varias livrarias de Lisboa e Porto, podendo pedil-as ao editor—Francisco Antonio d'Aguiar, em Figueiró dos Vinhos, e á livraria—Avellar Machado—em Lisboa, as livrarias que ainda a não tenham.

## LEONOR TELLS

SENSACIONAL ROMANCE HISTORICO

por

MARCELINO MESQUITA

O popular auctor do drama com igual titulo, representado innumeras vezes e applaudido entusiastica e delirantemente nos theatros *D. Maria* e *D. Amelia*, acaba de firmar contracto com «A Editora» para a publicação d'este seu novo original, verdadeira obra prima litteraria da actualidade.

Grande edição de luxo profusamente illustrada com gravuras de pagina a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Caderneta semanal de 24 paginas e 1 chromo ou 32 paginas de texto—60 réis.—Tomo mensal, 300 réis.

Brinde a todos os srs. assignantes—Um exemplar «gratis» a quem enviar a importancia de 10 cadernetas, tomos ou volumes.

Em publicação na «A Editora» nal.

—Largo do Conde Barão, 50—Lisboa.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras do reino.

## A AMBIÇÃO D'UM REI

por **Eduardo de Noronha**

Obra illustrada com numerosas gravuras coloridas por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

### Nova edição popular

Caderneta semanal de 16 paginas, 40 réis. Tomo mensal, 200 réis.

Um exemplar gratis a quem remetter adeantadamente a esta empreza a importancia de dez cadernetas ou tomos.

Brinde a todos os assignantes

Acceitam-se pedidos de qualquer numero de cadernetas e tomos.

«A Editora» — Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

Precisam-se agentes em todas as terrs do continente colonias e Brazil.

## Os Dramas da Côte

(Chronica do reinado de Luiz XV)

ROMANCE HISTORICO

DE

**E. LABOUCETTE**

A Côte de Luiz XV, com todos os seus esplendores e miserias, é descripta magistralmente pelo auctor d'*O BASTARDO DA RAINHA* nas paginas do seu novo livro, destinado sem duvida a alcançar entre nós exito igual áquelle com que foi recebido em Paris, onde se contaram por milhares os exemplares vendidos.

A edição portugeza do popular e commovente romance, será feita em fasciculos semanaes de 15 paginas, de grande formato, illustrados com soberbas gravuras de pagina, e constará apenas de 2 volumes.

20 réis o fasciculo

100 réis o tomo

2 VALIOSOS BRINDES

a todos os assignantes

Pedidos á—

**Bibliotheca Popular**

(Empreza Editora)

Rua da Rosa, 162—LISBOA

## Rudimentos de Agricultura Pratica

POR

**D. LUIZ DE CASTRO**

Agronomo e lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria

Livro profusamente illustrado,

250 réis

Edição esmerada da Livraria Ferim, de Lisboa

Approvado pela commissão da escolha de livros

Os pedidos d'este livro e da Chronographia, de Raposo Botelho, podem ser feitos á redacção d'este jornal.